

UMA INTERPRETAÇÃO ESFEROLÓGICA DAS CORRENTES RELIGIOSAS VIRTUAIS

*ESFEROLOGICAL INTERPRETATION OF A VIRTUAL RELIGIOUS
CURRENT*

Andrezza Lima de Medeiros³⁹

RESUMO

Em um mundo cada vez mais globalizado, onde tanto a comunicação quanto a religião se converteram em matéria-prima estratégica, onde explode a economia do imaterial, as redes de comunicação virtuais cumprem uma função fundamental. O controle da Internet concede ao poder que o exerce uma vantagem estratégica decisiva. O presente estudo tem como finalidade analisar as práticas das correntes religiosas privilegiando as apreensões esferológicas do filósofo Peter Sloterdijk. Pauta-se na perspectiva de que as correntes religiosas ao fazerem uso de tecnologias de comunicação possibilitam novas formas de difusão da religião.

PALAVRAS-CHAVE: Religião. Ciberespaço. Mensagem. Interfaces. Esferas.

³⁹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais/PPGCS
Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN
zas_lima@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

A articulação entre religião e mídia não é um fato recente, pois o uso daquela compreendida como um canal de transmissão através de revistas, livros, jornais, rádio, ao menos por parte do cristianismo é antiga. Porém, cabe-nos refletir sobre o movimento mais contemporâneo de midiaticização, ponderado, particularmente, em termos de uma imbricação de tecnologias computacionais e de telecomunicações da realidade e a uma simultânea virtualização do real. Refiro-me às teias, ou à rede que vem sendo construída entre mídia e religião. Esse movimento incita diferentes atores sociais a buscarem o controle de canais e espaços da mídia.

Assim como as empresas capitalistas de produção de bens, as Igrejas procuram aumentar sua participação no mercado consumidor, utilizando-se de muitos componentes de racionalidade no sentido utilizado por Max Weber (1994) para alcançar o maior número de fiéis (espécie de consumidores) com o mínimo de esforço, o que não deixa de ser uma maneira de elevar sua participação no mercado religioso.

A nova adequação da religião como mercadoria possibilita sua maior expressão no espaço público cibernético. Ao passo em que esta presença se consolida, ela se mostra como um efêmero processo de auto-ajuda através das correntes religiosas virtuais. Neste ínterim, constata-se o deslocamento da religião para o espaço-ambiente da mídia, onde se mistura cada vez mais com o simbólico.

Enquanto a Igreja Católica da modernidade condenava os novos tempos por tentarem emancipar o homem de Deus e também a ciência por insuflar a novidade que poderia infectá-lo de tudo o que recorde o antigo, a tendência religiosa atual é aliar o digital e o espiritual em busca de espaços onde as expressões de fé não atuem apenas no campo simbólico e ritualístico como nas igrejas, mas como poderoso coadjuvante no dia a dia das pessoas, atuando como um lenitivo nas horas onde não se pode contatar um adjunto real.

2 RELIGIÃO NA ERA DIGITAL

A partir da tecnologia digital reforça-se a virtualidade, percebe-se, ao mesmo tempo, uma mudança de paradigma nas relações religiosas com tais procedimentos. Se procurássemos uma linha divisória entre Modernidade e Pós-Modernidade em questões religiosas, certamente encontraríamos na apropriação dos meios tecnológicos essa disjunção.

Na espiritualidade virtual, a tela do computador juntamente com a imagem do santo traz a sua oração; os pedidos não precisam ser levados até o altar da estátua no templo. Basta clicar e lá se pode mandar, via *e-mail*, todas as preces que se queira. É na tecnologia que o homem, cansado de um mundo que circula em alta velocidade, encontra um lugar de salvação. Através das imagens na tela o sujeito pode clicar e se aproximar de Jesus sem sair de casa ou freqüentar a igreja.

Nas mensagens católicas virtuais, sobressaem, além da imagem do papa, que se encarrega em aferir identidade católica à mensagem, imagens de santos, que servem melhor para uma análise interpretativa, devido à sua diversidade, embora seja evidente que há pontos convergentes nas imagens veiculadas que são carregadas por um forte apelo emocional que comove o leitor/espectador convencendo-o a repassar a mensagem.

A convergência entre religião e *internet* segue modelos ou tendências estabelecidas pelo tempo presente. Os modelos são aqueles que a Igreja escolhe como seus, e em se tratando de convicções ou dogmas, não há muito que fazer a não ser repetí-los. Quanto às tendências, diríamos que estas seguem o destino que as imagens têm em cada sociedade e em cada época. Nesse sentido, vale lembrar Jacques Aumont (AUMONT, 1993, p.14) quando diz que “é banal falar de *civilização da imagem*, mas essa expressão revela bem o sentimento generalizado de se viver num mundo onde as imagens são cada vez mais numerosas [...], mais diversificadas e mais intercambiáveis”.

O espetáculo e a santidade se mesclam nas correntes virtuais, uma vez que os meios são diferentes, mas os fins são os mesmos: submissão e obediência. De acordo com Debord (1992) o espetáculo vai muito além da onipresença dos meios de comunicação de massa, que representam somente o seu aspecto mais visível e mais superficial. O autor explica que o espetáculo

é uma forma de sociedade em que a vida social é pobre e fragmentária, e os indivíduos são obrigados a contemplar e a consumir passivamente as imagens que lhes falta em sua existência real. Para ele a imagem é uma abstração do real, e o seu predomínio, isto é, o espetáculo, significa “tornar-se abstrato” do mundo. A abstração generalizada, porém é uma consequência da sociedade capitalista da mercadoria, da qual o espetáculo é a forma mais desenvolvida.

No entanto, os santos das mensagens virtuais representam as grandes estrelas que existem no cenário religioso, e suas imagens os representam em atitudes santificadas, com a finalidade de lhes fornecer expressões que lembrem os antigos santos solenizados e imóveis em seu gesso. A doutrina é exposta nas mensagens utilizando orações com passagens bíblicas e histórias de supostas aparições da Virgem para momentos de necessidade espiritual. Enfim, foram confeccionados como lugares emergenciais. Basta recorrer a eles, rezar uma oração, ouvir uma música e assim, nos é concedida a salvação.

As imagens presentes nas mensagens religiosas são preferencialmente figurativas e a razão disso é porque ainda somos obcecados pela forma humana. As figuras são parte fundamental do mecanismo de interação dos usuários das correntes com os computadores porque reforçam visualmente o conteúdo que a mensagem pretende apresentar, e, assim, capturar a atenção do leitor.

Há uma conexão entre o antigo e o nostálgico, garantindo o valor simbólico da imagem religiosa virtual. A representação de figuras consideradas divinas aproxima porque se parece com o humano, por isso seu poder de provocar sentimentos, enaltecendo a beleza física e comovedora dessas imagens. Nossa Senhora de Fátima é uma imagem recorrente. Seu rosto aflito reflete a pena que sofre pelos nossos pecados. Os temas dramáticos retornam com força, como a morte, o pecado, demônio e juízo final, tornando evidente uma preocupação religiosa acentuada do mundo através desse tipo de iconografia. A intenção é desenvolver uma concepção de Deus e do divino que provoquem no leitor da mensagem um misto de respeito ao sagrado subentendido por meio da admiração das imagens, aliados ao explícito elemento da obrigatoriedade para que a mensagem seja repassada.

As imagens religiosas que se inserem nas correntes virtuais demonstram um catolicismo preocupado em sobreviver e responde com pietismo exagerado às investidas pentecostais que ameaçam roubar seus fiéis. Por conta disso, tais representações iconográficas não têm em vista o comunitário, mas o individual. A imagem chama a atenção para si mesma, e não está a serviço nem do culto e nem de um empreendimento comunitário. A iconografia de santos populares perde o seu aspecto sagrado pela reprodução em série. O desejo é consumir tudo, até o sagrado, transformando-o em mercadoria. São imagens fundamentadas no âmbito do real e transpostas em abundância para o ciberespaço através da tela virtual.

3 CIBERESPAÇO E VIRTUALIDADE

O metamundo heterogêneo e virtual assumido pelo ciberespaço hoje é importante para buscar entender as questões religiosas. A expressão espaço cívico torna-se bem apropriada para falar das relações que envolvem as experiências sociais e religiosas atualmente. Vive-se num espaço constituído de dobras derivadas das sobreposições de real e virtual, projeção e presentificação.

Há alguns anos, estudar o ciberespaço era, quase sempre, falar de um potencial de representação da vida, de simulação de situações reais. Em muitas situações, experimentar com a máquina situações, em espaços virtuais, que não poderiam ser testadas no mundo físico. Hoje, porém, mais que simular condições no meio cívico, fala-se muito em emulação, em derivações da experiência, em vidas paralelas. Por exemplo, o *Second Life* possibilita inclusive formas de criar e fazer relacionarem entre si vários avatares do mesmo sujeito numa espécie de espectros do eu presentificados no meio cívico. Há uma atração por experimentar as potencialidades que as novas modulações de espaços podem oferecer. Como afirma Lemos,

O ciberespaço é a encarnação tecnológica do velho sonho de criação de um mundo paralelo, de uma memória coletiva, do imaginário, dos mitos e símbolos que perseguem o homem desde os tempos ancestrais. Nos tempos imemoriais, a potência do imaginário era veiculada pelas narrações míticas,

pelos ritos. Eles agiam como um verdadeiro *media* entre os homens e os seus universos simbólicos. Hoje, o ciberespaço funciona um pouco dessa forma. Ele coloca em relação, ele incita a abolição do espaço e do tempo, ele transforma-se em lugar de culto secular e digital. (LEMOS, 2004, p. 128-129)

Para Lemos (2004), a cultura contemporânea, associada às tecnologias digitais e ao ciberespaço - espaço virtual - vai criar uma nova relação entre a técnica e a vida social que é denominada cibercultura. Há, dessa forma, uma relação estreita entre a sociedade e a cultura contemporânea. A cibercultura é resultado da digitalização dos meios de comunicação, do advento de um fluxo de mensagens, como acontece com as correntes religiosas virtuais, onde o receptor torna-se também um emissor – fato que vai ao encontro das características de mediatização.

A cibercultura é a vida social mediatizada pela tecnologia moderna da *internet*. A tecnologia passa a fazer parte da cultura, pois se torna parte integrante do homem e mesmo em sua fase embrionária - e excluída de muitos cidadãos - ela é uma realidade social.

O homem não vive somente num universo físico, mas num universo simbólico, o qual lhe permite a representação. Assim, a *internet* é baseada em relações virtuais predominantemente simbólicas, destituídas da obrigatoriedade do contato físico. É neste universo que o homem vai vislumbrar uma maneira de explicitar sua religião, porém sem estabelecer fortes vínculos.

Não se trata de uma quebra com a noção de lugar, mas uma diferente abordagem do espaço. Quando Peter Sloterdijk (2006) fala da experiência do humano hoje vivendo em meios artificiais cada vez mais em decorrência das condições atmosféricas cada vez mais nocivas, as possibilidades dessa vida contemporânea, com certeza, passam pelo espaço informacional que é o ciberespaço numa espécie de transferências dos mecanismos que envolvem, geram ou são conseqüentes da percepção que, por sua vez, passa a ser aguçada por aparatos (ampliação da visão, da audição, do tato etc.).

Existem processos de fricções que acontecem num espaço micro, pois se trata do atrito, momento singular em que o instante de conexão e de desconexão entre diferentes meios, faz surgir o já citado objeto híbrido. Por outro lado, é possível observar um espaço macro em que se podem vislumbrar

a concorrência de fatores mais abrangentes, as mídias e suas linguagens, considerando-as para além das conotações pejorativas da indústria do entretenimento. Em outras palavras, através do encontro entre mídias, as suas respectivas linguagens se aproximam permitindo as fricções responsáveis pelo surgimento do objeto híbrido. Portanto, não há dúvidas: falar de religião atualmente é falar de relações entre diversidades, sobretudo em se tratando da era do digital e do ciberespaço.

O espaço cívico, através da multiplicidade de linguagens que se entrecruzam, além de outros fatores como as comunidades virtuais e da inteligência coletiva, muda o comportamento humano e também altera formas de apreensão de símbolos religiosos. É nessa esteira que a corrente religiosa virtual precisa ser pensada.

4 INTERFACES E ESFERAS

Construir relações no espaço cívico, no ciberespaço, significa construir e participar de um outro mundo. Se a realidade em que se vive, nesse espaço, mescla de real com virtual (espaços que se atravessam), é diferente, a mensagem religiosa virtual que se funda nesse espaço também deve ser. Um elemento importante para que se consiga explorar o que há de intrínseco ao meio digital é a interface. Nessa esteira, reconhece-se um caminho de pesquisa delineado pela necessidade de fazer com que a distância na relação entre máquina e usuário fosse diminuída para que as possibilidades de interação fossem se expandindo. A idéia buscada hoje é que as interfaces fiquem cada vez mais invisíveis para que não haja distância entre usuário e informação. É a computação permaneça ganhando espaços.

Historicamente, as interfaces já tiveram várias formas, assumindo-se como física, gráfica e cognitiva, esta última conhecida como natural ou inteligente. Interface de usuário, ponto de contato para o intercâmbio entre humanos e máquinas, pode assumir muitas formas. É na interface, a ser usada pelo observador ativo de acordo com as regras do mundo particular de ilusão, que as estruturas de simulação projetadas para comunicação encontram-se com os sentidos humanos. (ROCHA, 2008, p. 220).

No seu sentido mais convencional, a interface é entendida como uma superfície que faz a mediação entre o leitor e o texto possibilitando sua recepção. “Para Poster (SANTAELLA, 2003, p. 91), uma interface está entre o humano e o maquínico, uma espécie de membrana, dividindo e ao mesmo tempo conectando dois mundos que estão alheios, mas também dependentes um do outro”

Essa visão, dada a sua propriedade dicotômica, é uma membrana, uma película com grau limitado de maleabilidade. Por isso, quando uma corrente religiosa é publicada no papel, por exemplo, não há possibilidades reais de atuação do receptor, a não ser no nível do imaginário. Como afirma Steven Johnson,

Em seu sentido mais simples, a palavra se refere aos *softwares* que dão forma à interação entre usuário e computador. A interface atua como uma espécie de tradutor, mediando entre as duas partes, tornando uma sensível para a outra. Em outras palavras, a relação governada pela interface é uma relação **semântica**, caracterizada por significado e expressão, não por força física. (JOHNSON, 2001, p.17).

A interface pode ser entendida como uma esponja a ser atravessada dos dois lados, de modo que o sujeito não se encontra mais preso na sua perspectiva de espectador, mas pode ter seu papel constantemente permutado, podendo intervir, em determinados eventos, diretamente no objeto como co-operador, mais que receptor.

Para aprofundamento nessas questões, são interessantes as idéias do filósofo Peter Sloterdijk e sua criação de todo um sistema filosófico que auxilia no entendimento das principais etapas de desenvolvimento do pensamento e das relações humanas, através de metáforas e imagens que compõem sua trilogia *Esferas*. Em sua obra *Esferas III: Espumas*, as análises se voltam para a pós-modernidade, a constituição da imagem de indivíduo, o conceito de subjetividade em meio a estruturas fluidas, multiperspectivistas e heterárquicas. Seu objetivo: destituir as dicotomias cartesianas mente/ matéria, corpo/ alma, sujeito/ objeto, o eu/ o entorno, desconstruindo conceitos fechados acerca da condição humana através da metáfora das espumas, evitada por séculos em nome da ilusão de estabilidade.

A espuma é definida como um tecido de espaços vazios e paredes sutis, esquiva ao contato, pois, ao mínimo roçar, friccionar, abandona e reinventa sua constituição. Nas suas mutações constantes, as fricções entre pequenas bolhas contribuem para a plurissignificação (a poliesferologia) buscada por vários objetos artísticos contemporâneos. Como afirma Sloterdijk, “por sua forma efêmera, a espuma oferece a oportunidade de observar com os próprios olhos a subversão da substância” (2006, p. 28).

Suas idéias comungam com a série de desconstruções trazidas por Deleuze, Guatarri, Foucault, dentre outros, ficando patente que, para entender as condições da vida humana hoje, é necessário abandonar a postura centralizadora assumida, sobretudo, após a Renascença.

É interessante em Sloterdijk a eleição justamente da imagem do mais frágil (as espumas) para representar a pós-modernidade, não mais o determinado, o formatado pela solidez, mas o inconstante que, mais que ser aceito, precisa ser entendido no que apresenta de auspicioso. A metáfora das espumas é citada deste a antiguidade clássica como possibilitadora de fecundação; basta lembrar as circunstâncias do nascimento de Afrodite com a geração do belo e da sedução – espuma que dá origem (SLOTERDIJK, 2006, p.45-47). Assuntos como as múltiplas identidades, a eleição de novas perspectivas para enfoque da subjetividade, a sucessão de mudanças ininterruptas e cada vez mais rápidas bem como o descentramento do sujeito podem ser mais bem abordados a partir do sistema trabalhado pelo referido autor.

As pequenas bolhas que formam a espuma vão se movendo, se friccionando e mudando ao menor gesto sobre elas. A interface também deve ser entendida assim, como um espaço para que elementos das ordens mais diversas se choquem provocando mudanças. No seu movimento de constante transformação, essas fricções entre pequenas bolhas acabam contribuindo para a plurissignificação (a poliesferologia) tão buscada em vários objetos artísticos da contemporaneidade. Como afirma Sloterdijk, “Por sua forma efêmera, a espuma oferece a oportunidade de observar com os próprios olhos a subversão da substância” (SLOTERDIJK, 2006, p. 28).

No meio digital, a interface deve ser entendida como em um meio sistêmico onde vários agentes podem permutar papéis. Em qualquer interferência feita, pode-se alterar todo o sistema – assim como pode ocorrer

nas pequenas bolhas que formam a espuma. Emissor e receptor são ambos agentes do sistema.

5 A GLOBALIZAÇÃO, AS MENSAGENS RELIGIOSAS E O EMISSOR SOB UMA PERCEPÇÃO SLOTERDIJKIANA

Como se percebe a *internet* é muito mais que uma tecnologia, é sim, um meio de comunicação que constitui a forma organizativa da sociedade em rede. Saber conduzir estas novas configurações tecnológicas influenciará na mediação que as novas tecnologias proporcionam nas sociedades em que se inserem.

Castells (2005) descreve a sociedade contemporânea como uma sociedade globalizada, centrada no uso e aplicação de informação e conhecimento, cuja base material está sendo alterada aceleradamente por uma revolução tecnológica concentrada na tecnologia da informação e em meio a profundas mudanças nas relações sociais e nos sistemas de valores. Castells utiliza como ponto de partida a revolução da tecnologia da informação, por sua "penetrabilidade em todas as esferas da atividade humana" (p. 24) como acontece com a religião que se transporta para o universo virtual.

Para Lévy (1999) as atividades humanas abrangem a interação entre pessoas vivas e pensantes, entidades materiais ou artificiais unidas a idéias e representações. Deste modo o uso das tecnologias é inseparável do efeito deste ato na vida humana ao nível da representação identitária. Provavelmente, a aproximação das pessoas no ambiente virtual se dá por meio da existência de traços identitários, neste caso religiosos, partilhados e pelo interesse neste assunto.

Diante dessa nova realidade tecnológica, destaca-se o surgimento da correspondência virtual a partir do e-mail que possui a finalidade semelhante às cartas que recebíamos antigamente – a interação – mas, com o diferencial de oferecer uma gama de opções para enriquecer visualmente, como já vimos, a mensagem e seu conteúdo com slides.

Nesse ambiente cibernético, percebemos nos últimos anos uma maior incidência de mensagens de cunho religioso as quais possuem um caráter de “corrente” que devem, por excelência, ser repassadas para o maior número

possível de amigos de nossa lista de e-mail, caso contrário o receptor passará por um período negativo em sua vida; em contrapartida, se concordar em reenviar receberá muita prosperidade em sua trajetória além da concretização de seu pedido.

Vigilância, receptividade, escolhas, colaboração, controle são elementos que constituem características e estratégias que permeiam as correntes. Pois, geralmente a mensagem utiliza mecanismos coercitivos que afirmam que Jesus salvará somente aqueles que repassam a mensagem uma vez que quem o renega não é seu filho. A mensagem deixa claro que Deus está olhando nossas ações e podemos nos redimir se deixarmos a palavra de Deus entrar em nossas vidas demonstrando técnicas de controle e vigilância. No entanto, quem recebe a mensagem tem a opção de não enviá-la ou dar continuidade ao seu fluxo. Podendo, portanto escolhê-las. Colaborando, assim, para sua difusão no mundo virtual. Diante desses mecanismos, nós temos uma percepção dirigida a uma situação em que devemos cumprir ou atingir uma determinada meta para não desapontar Deus. Trata-se de uma dimensão estética apelativa que se configura como uma experiência guiada por qualquer elemento que nos ultrapassa.

Para que este espaço ganhe vida é necessário que as partes envolvidas no processo de comunicação se tornem "cúmplices" de uma retroalimentação, considerando que os internautas possibilitam uma perpetuação dos esquemas interpretativos de crenças num contexto social específico a que se reportam.

A priori, esta "cumplicidade" manifesta-se na maneira com que os usuários atuam, ou seja, se o receptor fizer sua parte e reenviar a mensagem o santo também fará a dele. Isso porque nas correntes religiosas virtuais incide um elemento de obrigatoriedade e coerção porque a vida do receptor pode se tornar negativa devido à ruptura do ciclo da corrente.

É neste espaço onde diferentes pessoas enviam as mensagens e se fundem numa mesma unidade onde os interesses religiosos se expressam. O que une estas pessoas é uma relação descomprometida, efêmera e que preserve o caráter lúdico proporcionado pela profusão de imagens e textos religiosos.

Trazendo Peter Sloterdijk (2003) para esta discussão podemos compreender o fenômeno das mensagens religiosas de um ponto de vista mais

filosófico e também esferológico, pois para ele o conceito de Deus se harmoniza com a esfera, que protege as fronteiras do ser frente ao nada, tendo isto garantido que o Deus esferocêntrico tenha permanecido em vigor enquanto seus teólogos sustentaram sua virtude de ser uma esfera. Entretanto, quando os filósofos e teólogos começaram a tomar a sério o atributo da infinitude de Deus, que Sloterdijk considera como o movimento endógeno que deu lugar à modernidade (SLOTERDIJK, 2003, p.115) – pois, em uma esfera infinita se perde a diferença ontológica entre estar dentro e estar fora e, assim, o centro está em toda parte e, portanto, em nenhuma. Este é o resultado da infinitização de Deus e do universo e que prepara a morte de Deus. Sloterdijk diz que a morte de Deus é uma “tragédia morfológica” (SLOTERDIJK, 2003, p. 117). O Deus infinito é um Deus invisível, amorfo, o qual, por não fazer diferença entre dentro e fora, não pode oferecer nenhuma vantagem em se estar dentro dele.

A morte de Deus é a morte da esfera. O nascimento da modernidade põe em relevo a necessidade de cada ponto ser autorreferente, de sua possibilidade de ser um lugar em si mesmo, de que o egoísmo seja a única e última possibilidade de centralização. Todo aquele que é um “si mesmo” ou “ensimesmado” deve ocupar-se de si mesmo, seja este um indivíduo, um Estado, uma família ou uma empresa. Sloterdijk propõe uma definição morfológica de modernidade como sendo um “excentrismo não-satânico” e denominará “espumas” as “aglomerações de pontos excêntricos autorreferentes” (2003, p.123).

As imagens combinadas do “transporte” de Deus, o qual confere intimidade e proximidade interna com o Deus central, e a imagem da esfera todo-abarcante que protege as fronteiras contra o nada, são uma poderosa combinação da idéia de uma centelha divina produzida no centro e transportada pelo homem com a idéia de sua tendência a uma tentativa de aproximação, de estar conectado e de voltar ao centro divino para não ser arremessado fora do campo do ser no nada da não-existência. O que coincide com uma idéia gnóstica fundamental, que é a de que todas as centelhas divinas, constituintes do homem desejam voltar ao centro luminoso que as produziu.

Um outro ponto de vista de importância na discussão da esferologia sloterdijkiana é a sua capacidade de demonstrar como se produz a coesão de

um grande império através do conceito de poder central emanado e presente em todas as partes do império por meio da telecomunicação. Neste tema, a idéia de emanação será a mais fundamental.

Como avalia Sloterdijk (2003), a antigüidade testemunhou o desenvolvimento da tecnologia de presença do poder à distância do centro. Os grandes impérios da antigüidade só podem ser compreendidos em seu sucesso mediante a presença de um uso consciente de uma telecracia em molde esferológico.

A essência mesma de um poder centralizado é a sua capacidade de atuar à distância como se estivesse ali e isto se dá com a criação de signos majestáticos que podem ser emitidos a qualquer parte do império representando o poder e fazendo-o presente *in absentia*. Na cultura cristã, o exemplo de encontro de ser e signo é o ritual da eucaristia.

O poder central se revela com capacidade de expansão e transportabilidade quando consegue estabelecer signos plenos nos quais participe seu poder e seus mensageiros plenipotenciários. Estabelecer signos do ser é criar a capacidade de emitir signos de poder a qualquer lugar onde não possa estar e onde, precisamente, deve estar.

O grande exemplo do apóstolo Paulo demonstra como é possível que um signo seja o mesmo que o remetente do signo, não somente uma lembrança deste, mas o remetente mesmo. O verdadeiro emissário deve participar da substância do ser do remetente e deve manifestá-la em presença real (SLOTERDIJK, 2003, p. 586). O mensageiro que ouviu diretamente a mensagem e a transporta faz com que os destinatários sejam responsáveis por suas reações diante da mensagem como se a houvessem ouvido diretamente do remetente (SLOTERDIJK, 2003, p. 588). Este é o poder conferido ao mensageiro.

A característica que se exige do mensageiro é de que seja um meio puro, que não reclame co-autoria na mensagem, que não veja seu próprio interesse, que seja, portanto, diáfano, transparente, eliminando a distância entre o remetente e os destinatários, atuando, em outras palavras, como um *neutrum*, um mero canal. Do mensageiro também se espera um perfeito altruísmo, que se manifeste independentemente das características ou da situação atual do mensageiro. Veja-se o exemplo tanto de Moisés com sua

língua pesada ou de Paulo com sua capacidade de escrever com uma prosa engenhosa: ambas as situações são indiferentes quando chega o tempo de serem usados como canais do emissor divino.

O caso do apóstolo, todavia, não se trata de um mero assunto de carteiro ou de enviado. O tipo de mensagem levado pelo apóstolo aporta um tipo de recepção da mensagem que não permite que o remetente mude o tipo de meio de envio da mensagem, por exemplo, fazendo-a escrita em vez de oral. O caso do apóstolo é paradoxal pois o remetente o faz a partir de sua transcendência e o mensageiro, por isso, torna-se insubstituível. Se o remetente perde o mensageiro, perde-se a mensagem e o Deus remetente não pode se manifestar no mundo.

Com a ascensão do Cristo, o remetente se colocou completamente nas mãos do processo evangélico. Sloterdijk cita as três instâncias em que o remetente se deixou em mãos dos mensageiros: “*desde su retirada de la carne se convirtió plenamente em ser noticiable (predicación), plenamente em sociedad mediática (Iglesia) y plenamente em procesamiento informativo (teología)*” (SLOTERDIJK, 2003, p. 592). Estas dimensões dependem integralmente do apóstolo mensageiro plenipotenciário. Entretanto, a delegação de poderes do apóstolo não tem outra justificação a não ser ele mesmo; sua plenipotencialidade é autofundada. Somente se sabe que o apóstolo foi enviado com uma mensagem por que ele mesmo o disse. Mas a situação não é tão simples, pois o apóstolo não fala em seu próprio nome e, além disso, diz que quem o enviou é que lhe deu tais poderes.

Desta maneira, o discurso apostólico somente se pode fundar e se fazer valer através de uma forma nova de transmissão da mensagem, especificamente cristã, que é a do “medium-ismo” (SLOTERDIJK, 2003, p.593). O apóstolo opera uma mudança ontológica de sujeito, trocando sua voz pela do remetente, de tal sorte que “*Dios mismo es el hablante*” (SLOTERDIJK, 2003, p. 594).

O maior êxito do apóstolo como mensageiro possuído pela missiva é o de convencer os receptores da mensagem a também se converterem em mensageiros. Assim se pode compreender como foi possível surgir um mundo em um mundo, um império em um império, a igreja virtual operante no âmbito imperial cibernético.

A crença na universalidade da mensagem de Jesus a faz alcançar amplitude imperial, por isso deve ser levada e tornada presente em todo o império. Precisamente esta necessidade, fundada em uma visão macroesférica de uma notícia a ser levada a todo *orbis terrarum*, exigirá do cristianismo uma solução para o problema de um sistema universal eficiente de propaganda.

O neoplatonismo formulou o modelo que permite entender a energética do domínio à distância através de um processo radiocrático. Seu conceito básico é o de emanção, que tem no modelo solar um de seus exemplos, utilizado por Plotino para explicar como se emana um raio de luz ou calor que, por emanção, alcança as periferias do mundo manifesto.

O modelo platônico exige que se entenda que o sol central não apenas emite calor, mas que suas emissões de luz levam consigo as formas ideais que se manifestam em objetos sensíveis e que os fazem reconhecíveis pelo intelecto (SLOTERDIJK, 2003, p. 614).

O neoplatonismo, enquanto emanacionismo, permitiu conceber com suficiente clareza o modelo de emissão de poder, de delegação imperial e transmissão ontológica do poder. Com isto, o neoplatonismo se torna a ontologia política velada da cultura imperial (SLOTERDIJK, 2003, p. 630).

As antigas técnicas de emissão emanacionistas dependem de que o “médium” seja perfeitamente desinteressado e que possa deslocar-se por todo o império, de forma que no nível divino isto se resolva com a figura desinteressada e pura, o mensageiro que, de tão desinteressado, não possui nem a si mesmo. Assim são as figuras dos anjos e arcanjos.

O mal aparece quando o mensageiro abusa do poder de portar mensagem ao introduzir seus interesses no processo de levar a mensagem. Isto representa o protótipo do mal e do malvado introduzindo-se no mundo.

As antigas culturas de domínio dependem da ascese (pureza) e fidelidade de servidores e funcionários, que são as virtudes do desinteresse nos mediadores do poder central. Um mensageiro que pense em si mesmo não executa sua missão com sentido, ele deve substituir seu ego pela subjetividade do senhor. O conceito de “diáfano” é o poderoso conceito de um mediador permeável.

O mensageiro deve renunciar ao seu si-mesmo antes de sair em missão. E isto, assim como a investidura no cargo de mensageiro, não se faz sem

formalidade. O ser-para-o-serviço é o conceito que fundamenta o tabu do egoísmo e a proibição do narcisismo. A possibilidade de um ser humano esquecer-se de si mesmo para melhor servir a seu senhor é o que tornou possível esta ética de ser-para-servir, imprescindível para a arquitetura do poder.

A idéia do olvido de si, a proibição do narcisismo e o tabu do egoísmo são frontalmente opostos à idéia tipicamente liberal dos egoísmos como forma socialmente organizada inclusive de distribuição do trabalho; além disso, a era moderna neutralizou e naturalizou o chamado “mal”.

Se Satã representa o mensageiro infiel, e sua falha – a traição - é considerada o pior dos pecados, o Cristo e a igreja representam o bom e fiel mensageiro e inauguram a nova era salvífica, e a estrutura eclesiástica garante a pureza da mensagem através da ação de uma oficina central, a Igreja do bispo e seus funcionários-sacerdotes, que censura as missivas para garantir as representações puras entregadas por funcionários desinteressados.

É importante modificar as maneiras de se avaliar os reagrupamentos sociais. O conceito de comunidade emocional de Max Weber (1989) pode explicar a formação desses grupos que explodem na contemporaneidade formulando mensagens religiosas e colocando-as no mundo virtual. É crucial compreender que a partir das correntes religiosas virtuais criam-se redes de solidariedade. O destino que conferimos a estas mensagens é pessoal, pois podemos enviá-las para um conhecido que está passando por um momento difícil a quem julgamos precisar de conforto espiritual alcançado através da fé, ou mesmo para alguém com quem não temos tanto contato, mas que temos que repassar para cumprir a quantidade necessária para que o santo virtual atenda ao pedido. Caso contrário, o que obteremos será azar. As características dessa “comunidade” emocional são a "composição cambiante", a ausência de uma organização, a inscrição local (entenda-se local aqui como um espaço de proximidade, seja ele real ou virtual) e a estrutura cotidiana.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Elemento fundamental da formação de uma identidade religiosa, o sentimento de pertença, "desencaixa-se" da localização territorial e reforça a idéia da representação simbólica. Portanto, no ciberespaço a territorialidade deixa de ser geográfica e passa a ser simbólica. As relações sociais são mediadas pela tecnologia e o encontro físico passa a ser irrelevante. O contato entre os utilizadores dá-se sem pretensões e de forma lúdica. O sentimento de pertença a uma religião, neste caso a católica, reforça o caráter cooperativo no que se refere ao fluxo de mensagens a partir de ações de continuidade das correntes virtuais.

A questão das novas formas de relações sociais insere-se num contexto onde a pluralidade de situações possibilita a multiplicidade do eu através das diversas máscaras sociais que o ser humano adota no cotidiano. O caráter lúdico e a teatralidade das relações sociais transportam-se para as redes de comunicação através da criação das inúmeras mensagens religiosas que povoam o espaço virtual.

Cada um desses indivíduos que repassam as correntes é para si mesmo seu próprio absoluto, pois para alcançar uma finalidade pessoal ele depende do outro e por isso repassa a mensagem. O certo é que a saturação de uma atitude projetiva voltada para o futuro dá lugar a um incremento nas relações pontuais que passam a ser vividas mais intensamente no presente, nas interfaces cotidianas. Logo, sua meta futura depende de suas ações no presente.



REFERÊNCIAS

AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas, SP: Papyrus, 1993.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. São Paulo. Contraponto, 1992.

JOHNSON, Steven. **Cultura da Interface**: como o computador transforma nossas maneiras de criar e comunicar. Trad. Maria Luiza X. de A. Broges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LEMOS André. **Cibercultura e Mobilidade**: a Era da Conexão.

<http://www.cem.itesm.mx/dacs/publicaciones/logos/anteriores/n41/alemos.html>

Publicado em: outubro/novembro 2004. Acessado em: 20/06/2010.

_____. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2004.

LÈVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

SANTAELA, Lúcia. **Linguagens líquidas na Era da mobilidade**. São Paulo, Paulus, 2003.

SLOTERDIJK, Peter. **Esferas II**. Traducción de Isidoro Reguera. Espanha: Ediciones Siruela, 2003.

_____. **Esferas III: espumas**. Tradução de Isidoro Reguera. Madri, Siruela, 2006.

ROCHA, Cleomar. Estéticas tecnológicas e interfaces computacionais. *In*: **7º Encontro Internacional de Arte e Tecnologia: para compreender o momento atual e pensar o contexto futuro da arte**. Brasília, UNB, outubro 2008.

WEBER, Max. **Sociologia**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1989.

_____. Sociologia da religião. *In*: **Economia e Sociedade**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1994.